

Para Kafka problema está resolvido

por Maria Clara R. M. do Prado
de Brasília

"O problema está resolvido. A missão continuará seu trabalho". A afirmação do representante brasileiro junto ao Fundo Monetário Internacional (FMI), Alexandre Kafka, expressa bem o alívio que certamente tomou conta das autoridades brasileiras e também do próprio FMI depois de definida uma solução que ajudou a contornar o impasse surgido no domingo, quando o presidente da República manifestou sua posição de que o chefe da missão daquele organismo no Brasil deveria ser substituído.

Sterie Beza, chefe do departamento do hemisfério ocidental do FMI, é hierarquicamente superior aos chefes da divisão do Atlântico Sul, José Fajgenbaum, e da divisão do México, Thomas Reichmann, e chegará na quinta-feira a Bra-

sília com a tarefa de chefiar a missão técnica do FMI que se encontra no País há uma semana. "Beza vem se agregar à equipe e a permanência ou não de algum membro na missão vai depender do novo chefe", disse Kafka, ontem à noite, lembrando que todos são técnicos e indicando que o caráter da missão não será alterado.

Os economistas do FMI vieram ao País com dois objetivos: proceder ao levantamento de dados necessários para a confecção do relatório que fará uma análise da economia do País relativa a 1990 e ao princípio deste ano e, ainda, abrir negociações técnicas na busca de estabelecer as metas de um programa de ajuste que possam tornar o País credenciado a firmar acordo do tipo "stand by", princípio, com o organismo, condição que abriria as portas para um entendimento com os ban-

cos credores em torno do estoque da dívida externa e, com os credores oficiais, de um acordo de reestruturação das dívidas negociadas no âmbito do Clube de Paris.

Apesar dos últimos acontecimentos, a missão do FMI recebeu ainda na noite de segunda-feira um novo membro. A funcionária uruguaia Lilian Corbello Martinez chegou a Brasília para secretariar a equipe do fundo, sinalizando que havia a perspectiva de continuidade dos trabalhos da missão no País. Sua vinda já estava prevista e o cronograma de viagem não foi, portanto, alterado apesar dos problemas surgidos desde o final da semana passada.

A missão do FMI — além de Fajgenbaum e de Reichmann é formada por outros quatro economistas — passou a manhã de ontem e parte da tarde na sala que lhes foi reservada no Banco

Central, mas não teve nenhuma reunião com qualquer técnico do governo brasileiro. "Trabalhamos no levantamento dos dados referentes a 1990 e ao primeiro trimestre de 1991", disse a este jornal, por telefone, com voz nitidamente cansada, o chefe da divisão do Atlântico Sul, José Fajgenbaum.

Thomas Reichmann é, oficialmente, o chefe da missão que se encontra em Brasília e passará a função para o norte-americano Beza, assim que esse chegar ao País. Havia ontem, no entanto, a expectativa de que Reichmann permanecesse em Brasília, como integrante da missão, mesmo depois de o chefe da divisão do hemisfério ocidental assumir o seu lugar. Essa é, na verdade, a última missão que Reichmann chefiaria, já que deixou a divisão do Atlântico Sul em maio para chefiar a divisão do México.